

## Hegel como filósofo da contingência: A leitura lacaniana de Hegel feita por Žižek

Hegel as a contingency philosopher:  
the lacanian reading of Hegel performed by Žižek

Fabiano Veliq

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

### Resumo

O objetivo desse artigo é evidenciar, de maneira panorâmica, o projeto žižekiano de filosofia na sua tentativa de fazer conciliar a psicanálise lacaniana com a filosofia hegeliana. Evidenciaremos que tal leitura de Žižek dará primazia à psicanálise lacaniana procurando interpretar Hegel à luz de Lacan e não Lacan à luz de Hegel. Tal método de Žižek depende de uma leitura bastante original de Hegel promovida por Žižek. A consequência dessa leitura de Žižek é entender Hegel como filósofo da contingência e não como filósofo do absoluto.

**Palavras-chaves:** Hegel; contingência; Lacan; materialismo.

### Abstract

The objective of this article is to highlight, in a panoramic manner, the žižekian project of philosophy in his attempt to reconcile Lacanian psychology with Hegelian philosophy. We will highlight that this reading of Žižek will give primacy to Lacanian psychoanalysis by trying to interpret Hegel in the light of Lacan and not Lacan in the light of Hegel. Žižek's method depends on a sufficiently original reading of Hegel promoted by Žižek. The consequence of this reading of Žižek is to understand Hegel as a philosopher of contingency and not as a philosopher of the absolute.

**Keywords:** Hegel; contingency; Lacan; materialism.

### Informações do artigo

Submetido em 08/08/2023

Aprovado em 03/09/2024

Publicado em 15/09/2024

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2024.v24n3.p126-140>



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### Como ser citado (modelo ABNT)

VELIQ, Fabiano. Hegel como filósofo da contingência: A leitura lacaniana de Hegel feita por Žižek. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 24, n. 3, p. 126-140, set./dez. 2024.

## 1 INTRODUÇÃO

Žižek em diversos momentos de sua obra insistirá sobre a noção de contingência em Hegel para relacionar a sua compreensão de pulsão de morte dentro de uma filosofia que quer se pensar enquanto “materialismo transcendental”. Cabe ressaltar que tomaremos a interpretação žižekana da filosofia de Hegel e Kant sem debater o mérito desta interpretação. Para Žižek, Hegel estabelece uma relação entre necessidade e contingência em que a necessidade histórica é fundada sobre uma série de contingências indeterminadas, sem nenhuma instância coordenando tais séries contingenciais. Como afirma o autor:

O mistério último daquilo que Hegel chama “postulando os pressupostos” é o mistério de como a contingência “suprassume” *retroativamente* ela mesma para dentro da necessidade – como, através da repetição histórica, uma ocorrência inicialmente contingente é “transsubstanciada” para dentro da expressão de uma necessidade: em resumo, o mistério de como, através de uma auto-organização “autopoiética”, a ordem emerge do caos. Aqui Hegel é para ser lido “com Freud”: em Freud também, uma característica contingente (digo, um encontro sexual traumático) é elevado a uma “necessidade”, isto é para dizer, em um princípio estruturante, para um ponto central de referência ao redor do qual toda a vida do sujeito se volta<sup>1</sup> (Žižek, 2000, p. 225).

Não há, portanto, uma ordem anterior ao caos, mas o caos vem antes e a sua ordenação é algo posterior, de forma que, para Žižek, Hegel seria o filósofo da contingência por excelência. Nesse sentido, entendemos que a psicanálise lacaniana é importante e primordial na filosofia do Žižek.

## 2 A CRÍTICA DE HEGEL A KANT POR UM VIÉS LACANIANO. A LEITURA DE ŽIŽEK

---

<sup>1</sup> Original em inglês: “the ultimate mystery of what Hegel calls “positing the presuppositions” is the mystery of how contingency *retroactively* “sublates” itself into necessity - how, through historical repetition, an initially contingent occurrence is “transubstantiated” into the expression of a necessity: in short, the mystery of how, through “autopoietic” self-organization, order emerges out of chaos. Here Hegel is to be read “with Freud”: in Freud also, a contingent feature (say, a traumatic sexual encounter) is elevated into a “necessity”, that is to say into the structuring principle, into the central point of reference around which the subject’s entire life revolves” (Tradução nossa).

Em última instância, o Žižek parece querer transformar a noção de pulsão de morte<sup>2</sup> em algo anterior até mesmo à lógica do pensamento que pensa a si mesmo, tal como ela é apresentada na Ciência da Lógica, que em Hegel seria primeira, segundo a forma de apresentação do sistema (mas não é a única, como demonstrado nos parágrafos finais da enciclopédia). Nesse sentido, Žižek está partindo de Lacan para tentar entender Hegel e não o contrário, daí a primazia da pulsão de morte sobre a Ciência da Lógica. Segundo Luft, esta seria a convicção hegeliana, a de que “[...] a estrutura da realidade é ideal, suportada pela mesma estrutura do pensamento (a Ideia), ou seja, o ser é Espírito” (Luft, 2001 p. 127). O que Žižek faz é pensar esse “Espírito” como pulsão de morte”.

Aqui, percebe-se que a leitura que Žižek faz de Hegel é consideravelmente diferente da leitura mais comum. O ponto central para a leitura žižekiana de Hegel está na oposição que Žižek estabelece entre Kant e Hegel. Em seu livro, *O sujeito incômodo* (2016), Žižek coloca essa distinção de maneira clara:

Em certo sentido, tudo o que Hegel faz é complementar a conhecida máxima kantiana da constituição transcendental da realidade (“as condições de possibilidade do nosso conhecimento são, ao mesmo tempo, as condições de possibilidade do objeto do nosso conhecimento”) com seu negativo – a limitação do nosso conhecimento (seu fracasso em apreender o todo do ser, a forma como nosso conhecimento se enreda inexoravelmente em contradições e inconsistências) é simultaneamente a limitação do próprio objeto do nosso conhecimento, ou seja, as lacunas e os vazios em nosso conhecimento da realidade são as lacunas e os vazios no próprio edifício ontológico “real” (Žižek., 2016, p. 83).

Para o autor, a crítica hegeliana a Kant não implicaria a construção de um edifício novo que assumiria uma totalidade pronta como objeto, mas o que Hegel teria proposto seria assumir que não há uma totalidade pronta a ser conhecida, mas’ que a própria totalidade pensada positivamente seria um equívoco. Como Žižek afirma:

É só nesse nível que podemos apreciar a impressionante realização de Hegel: longe de retroceder da crítica kantiana à metafísica pré-crítica que postulava a estrutura racional do cosmos, Hegel aceitou plenamente (e anteviu as consequências) do resultado das antinomias cosmológicas kantianas – não há nenhum “cosmos”, o próprio conceito de cosmos como a totalidade positiva plenamente constituída do ponto de vista ontológico

---

<sup>2</sup> Sobre o tema da pulsão de morte e a leitura feita por Žižek remetemos o leitor ao nosso texto Veliq, F. (2023). Variações sobre o mesmo tema: o conceito de pulsão de morte em Freud, Lacan e Žižek. *Synesis* (ISSN 1984-6754), 15(1), 392–412. Disponível em: <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2675>. Acesso em: 25 set. 2024.

é inconsistente. Por conta disso, Hegel também rejeita a visão de Kant do homem que se torna uma marionete sem vida por causa de sua visão direta da monstruosidade do Ser-em-si divino: essa visão é inconsistente e sem sentido, visto que, como já apontamos, ela reintroduz furtivamente a totalidade divina plenamente constituída do ponto de vista ontológico: um mundo concebido apenas como Substância, mas não também como Sujeito. [...] O que Hegel faz é “atravessar” essa fantasia, demonstrando sua função de preencher o abismo pré-ontológico da liberdade – ou seja, reconstruindo a cena positiva na qual o sujeito é introduzido numa ordem numênica positiva (Žižek, 2016, p. 89).

No final desta citação, Žižek faz uso da expressão “atravessar a fantasia”, expressão lacaniana que consiste em propor que o sujeito se responsabilize pelo seu desejo, isto é, que ele consiga se tornar responsável por suas ações sem atribuir suas ações a outras pessoas, ou outras situações. O “atravessar da fantasia” se põe em última instância, ao final da análise. Nesse sentido, Žižek propõe que Hegel atravessasse a fantasia, ou seja, Hegel teria colado a si a tarefa de pensar a liberdade em seu aspecto mais fundamental, o que, em Hegel, seria a proposta de uma Ciência da Lógica, enquanto estrutura do pensamento. Na citação, Žižek coloca o que ele chama de “abismo pré-ontológico da liberdade”, que na leitura proposta pelo filósofo esloveno, coincidiria com o caos, o vazio que se caracterizaria como liberdade. A ideia de “sujeito introduzido numa ordem numênica positiva” significa que, para Žižek, o sujeito não é apenas uma série de atributos positivos (professor, aluno, homem, mulher etc.), mas, se constituiria como pura negatividade, pura indeterminabilidade.

Como bem coloca Hegel, “o espírito é em si o movimento que é o conhecer – a transformação desse Em-si no Para-si; da substância no sujeito; do objeto da consciência em objeto da consciência-de-si; isto é, em objeto igualmente suprassumido, ou seja, no conceito” (Hegel, 2007 §802, p. 526). Na medida que adentra em si, no trajeto da Fenomenologia, o espírito é capaz de revisitar pela rememoração (*Er-innerung*) aquilo que conservou no seu trajeto, por isso, capaz de partir apenas de si mesmo, mas agora, de um nível mais alto.

A linguagem (como entendida pela teoria lacaniana) seria uma tentativa de lidar com esse gap, com a incompletude que caracteriza tanto o sujeito quanto a própria realidade que Žižek localiza como tendo sua origem na proposta do sistema hegeliano. Para nós, Žižek procura radicalizar a proposta hegeliana e pontuar que antes mesmo de uma lógica do pensamento que pensa a si mesmo, já haveria alguma outra coisa caótica, aquilo que foi chamado mais acima de “abismo pré-ontológico da liberdade”, da qual a própria construção de uma linguagem já seria uma tentativa de lidar com esse ponto.

Se em Hegel, a lógica é o início da compreensão sistemática da totalidade do ser que faz com que seja possível dizer racionalmente o mundo, para Lacan, na leitura de Žižek, a linguagem já seria uma defesa contra o caos primeiro da pulsão de morte. Daí que a proposta de Žižek seria atribuir a pulsão de morte freudiana ao conceito de negatividade de Hegel. Assim, Žižek está querendo mostrar que a linguagem se constitui como uma construção para lidar com algo que seria impossível, por algo que sempre escaparia à tentativa de sistematização.

Em Lacan, esse algo que escapa, esse vazio, é o próprio sujeito, e isso significa que ele é apenas uma forma, a forma do significante, (outro nome que Lacan dá à linguagem), aquilo que ele encena simbolicamente para os Outros e que não tem qualquer consistência "em si". Aqui, Žižek se mostra muito mais lacaniano que hegeliano, de forma que a noção de linguagem tem um pressuposto lacaniano no nosso entendimento. Percebemos então, como o projeto Žižekiano de vincular psicanálise e idealismo alemão se constitui e nota-se a importância de Hegel para esse movimento.

Dessa forma, na proposta de Žižek, não há nenhum tipo de transcendência em nenhum lugar onde a realidade experimental seria forjada, isto é, a realidade fenomênica se constitui ela mesma em absoluto, não haveria nada fora dela. Aqui, aparece o caráter mais heterodoxo de Žižek em relação a Hegel. Ele eleva a contingência ao caráter último do mundo, de forma que o absoluto se daria no próprio mundo fenomênico.

Em seu livro *Menos que nada* (2013), Žižek afirmará que a própria ciência moderna seria marcada pela matematização do mundo e que a física quântica seria "dissolvida na pura virtualidade das ondas quânticas" (Žižek, 2013, p. 310), de forma que a ciência moderna, de Galileu à física quântica seria caracterizada por dois traços fundamentais, i.e., a matematização e a confiança na medição que introduz o elemento irreduzível da contingência. "Os dois aspectos implicam o real sem sentido do universo silente e finito: o real das fórmulas matemáticas desprovido de sentido, o real da contingência absoluta" (Žižek, 2013, p. 310).

A posição de Žižek sobre este ponto é que Hegel assumiria a contingência última da realidade. Mas Hegel não teria desistido de dizer a verdade sobre ela, mas reconhecido a contingência de todo tipo de verdade última. Para Žižek, o acesso à realidade se daria pelo mundo fenomênico por meio da análise das estruturas físicas traduzidas em conceitos matemáticos dos objetos do mundo. Ele está partindo de uma diferenciação entre "Real" e "realidade", sendo que, por Real, ele entende o Real

lacaniano, ou seja, aquilo que não é circunscrito plenamente pela linguagem, mas sempre apareceria como uma espécie de “excesso” não simbolizável. Como bem coloca Laureano,

Esta inconsistência dentro das aparências é, então, o que Žižek chama de real, o conceito lacaniano que busca nomear o trauma e o gozo da pulsão. E a lição fundamental da filosofia de Žižek é a de que, embora tenhamos perdido a crença na possibilidade de conhecermos um além do mundo (como coloca Kant), o além já se encontra inscrito no próprio mundo temporal, fenomênico, finito. Ele não é nada mais do que uma fissura dentro do mundo dos fenômenos. Como, na leitura subversiva de Hegel, o Cristianismo anuncia Jesus como sendo apenas um homem comum, que morre na cruz lutando contra um regime opressor. Mas esta morte trivial já é o próprio absoluto, a encarnação daquilo que Žižek chama de paralaxe, a impossibilidade inerente aos próprios fenômenos, à positividade do mundo (Laureano, 2015, p. 178).

Essa noção, apontada por Laureano, também é notada pelo próprio Hegel em sua *Ciência da Lógica – A Doutrina do ser (2016)*:

Pode-se observar que aqui surge o sentido da coisa em si, que é uma abstração muito simples, mas que foi, durante algum tempo, uma determinação muito importante, como se fosse algo relevante, assim como a proposição de que nós não sabemos o que são as coisas em si foi uma sabedoria de grande valor. As coisas se chamam em si, na medida em que se abstrai de todo ser para outro, ou seja, em geral, na medida em que elas são pensadas sem qualquer determinação, como nada [Nichtes]. Nesse sentido, sem dúvida não se pode saber o que é a coisa em si. Pois a pergunta o quê? Exige que sejam indicadas determinações; mas na medida em que as coisas das quais elas deveriam ser indicadas devem ser, ao mesmo tempo, coisas em si, quer dizer, justamente sem determinação, então, na pergunta está colocada, de modo irrefletido a impossibilidade da resposta, ou se elabora somente uma resposta contrassensual. A coisa em si é o mesmo que aquele absoluto, do qual não se sabe nada senão que nele tudo é um. Portanto, sabe-se muito bem o que há nessas coisas em si; como tais, elas nada mais são do que abstrações sem verdade, vazias (Hegel, 2016, p. 125-126).

Ou, ainda de maneira mais enfática, em sua *Enciclopédia das ciências filosóficas*, de 1830:

A “coisa-em-si” (e, por coisa, compreende-se também o espírito, inclusive Deus) exprime o objeto na medida em que se abstrai de tudo o que ele é para a consciência, de todas as determinações do sentimento, como de todos os pensamentos determinados [a respeito] do objeto. É fácil ver o que resta: o completamente abstrato, o totalmente vazio, ainda determinado somente como [algo] além; o negativo da representação, do sentimento, do pensamento determinado etc. Mas é igualmente simples

a reflexão de que esse *caput mortum*, por sua vez, é apenas o produto do pensar, justamente do pensar que avançou até a pura abstração; do Eu vazio, que faz, dessa pura identidade de si mesmo, objeto para si. A determinação negativa que essa identidade abstrata recebe, enquanto objeto, está igualmente enumerada entre as categorias kantianas, e é algo totalmente bem conhecido, assim como essa identidade vazia. Depois disso, só se deve admirar de ter lido, repetido tantas vezes, que não se sabe o que é a coisa-em-si, e nada é mais fácil que saber isso (Hegel, 1995, p. 114-115).

De forma enfática, Hegel (1995) critica a noção de coisa em si kantiana, na medida em que não se trataria de uma abstração de “outro mundo”, o mundo numênico para além dos limites da experiência, mas a suposta “coisa em si” seria o próprio sujeito, a própria atividade postulante do Eu. Segundo Žižek, o que é proposto por Hegel é que aquilo que a subjetividade encontra atrás da cortina das aparências não é a existência de uma coisa em si, ou o “Real do mundo”, mas é o seu próprio gesto fundador do mundo. Ela encontra aquilo que ela mesma colocou no mundo, ou seja, não há nada para além da cortina das aparências.

Aqui, Žižek ressignifica o sujeito mediante sua interpretação de Hegel. O sujeito é entendido como pura negatividade, ou como pura pulsão de morte. O vazio da coisa é equivalente à negatividade que define o sujeito. O que há por trás da aparência é, portanto, nada; Nada esse que é o sujeito. Para superar essa ilusão de que há algo escondido atrás das aparências, é preciso que o sujeito “atravesse a fantasia” e encontre apenas o seu próprio ato. É o que ele chamaria de “materialismo transcendental”.

Como afirma Johnston (2008):

Para Žižek, a passagem de Kant para Hegel é a transição de um vazio epistemológico para um vazio ontológico, de uma Coisa inacessível para além do alcance do sujeito para o sujeito em si, como a Coisa incapaz de ser reduzido aos fenômenos, no meio dos quais ele é não obstante, condenado a circular (i.e., o \$ lacaniano). E quando propõe esta equivalência entre o Além do fenômeno e a atividade de ir além do fenômeno (uma atividade que permanece imanente ao mundo das aparências que é constantemente excedido), Hegel afirma que a coisa-em-si é realmente subjetividade na medida em que esta última é um X totalmente indeterminado por qualquer conteúdo empírico particular, algo fora da articulação com os objetos da experiência. Como tal, esta subjetividade é liberdade por si (e isso é também crucial para o projeto de Žižek de repensar o conceito de autonomia na interseção do idealismo

alemão, uma teoria marxista da ideologia, e a concepção psicanalítica do inconsciente<sup>3</sup>) (Johnston, 2008, p. 140).

### 3 A QUESTÃO DA CIÊNCIA MODERNA A PARTIR DE HEGEL NA LEITURA ŽIŽEKIANA

Esta noção de contingência pensada por Hegel se torna crucial para entender o giro que Žižek propõe para a sua proposta materialista, i.e., Žižek inverte a priorização da transcendência para a imanência. Ele insiste que a imanência fenomênica é o grau zero de partida para a filosofia e que a própria essência nada mais seria que uma autofissura da aparência, o que implicaria que a noção de essência, como algo consistente, seria um efeito da inconsistência fenomênica. Como coloca Žižek, “as múltiplas inconsistências de perspectivas entre os fenômenos não são um efeito do impacto da Coisa transcendente –ao contrário, esta Coisa não é nada além da ontologização da inconsistência entre os fenômenos”<sup>4</sup> (Žižek, 2003, p. 66). O problema que se coloca em última instância seria como se daria essa passagem desse sujeito pensado como pura negatividade para a sua efetivação para fora de si, ou seja, como se dariam as diferentes visões em paralaxes no sujeito de maneira autônoma.

Na medida em que o absoluto deve ser compreendido como sujeito e não como substância (Hegel, 1993, p. 32), e o sujeito é pensado como uma fissura, segundo Žižek, um \$ que coloca o mundo por um ato livre, como se poderia pensar as condições de possibilidade no nível de uma ontologia fundamental, uma vez que não há nada escondido além daquilo que se mostra? É no intuito de responder a essa questão que Žižek se ancora tão fortemente nas formulações hegelianas.

O sujeito hegeliano - i.e., o que Hegel designa como absoluto, negatividade autorrelacionada é nada além do gap o qual separa fenômenos da Coisa, o abismo, além dos fenômenos, concebido em seu modo negativo, i.e., o gesto puramente negativo de limitar fenômenos

---

<sup>3</sup> Original em inglês: “For Žižek, the passage from Kant to Hegel is the transition from an epistemological void to an ontological one, from the inaccessible Thing beyond the subject’s reach to the subject itself as the Thing incapable of ever being reduced to the phenomena amongst which it is nonetheless condemned to circulate (i.e., the Lacanian \$). And, when proposing this equivalence between the Beyond of phenomena and the activity of going beyond phenomena (an activity remaining immanent to the world of appearances that it’s constantly exceeding), Hegel claims that the thing-in-itself is really subjectivity insofar as the latter is an X utterly undetermined by any particular empirical contents, something out of joint with the objects of experience. As such, this subjectivity is freedom per se (and this is also crucial for Žižek’s project of rethinking the concept of autonomy at the intersection of German idealism, a Marxist theory of ideology, and the psychoanalytic conception of the unconscious)” (Tradução nossa).

<sup>4</sup> Original em inglês: “The multiple perspectival inconsistencies between phenomena are not an effect of the impact of the transcendent thing - on the contrary, this Thing is nothing but the ontologization of the inconsistency between phenomena” (Tradução nossa).

sem prover nenhum conteúdo que preencheria o espaço além do limite. Por essa razão, devemos estar muito atentos se não estamos perdendo o que Hegel tem em mente quando ele insiste que o Absoluto tem que ser concebido também como sujeito, não apenas como substância: a noção predominante do gradual tornar-se sujeito da substância (do sujeito “ativo” deixando sua “marca” na substância, moldando-a, expressando nela seu conteúdo subjetivo) é, aqui, sem dúvida, duplamente mal compreendido. Primeiro nós devemos ter em mente que, com Hegel, esta subjetivação do objeto “nunca se encerra”: há sempre um resto da substância, o qual elude o alcance da “mediação subjetiva” e longe de ser um simples obstáculo impedindo a atualização completa do sujeito, esse resto é *stricto sensu* correlativo ao próprio ser do sujeito<sup>5</sup> (Žižek, 1993, p. 30).

Esta leitura que Žižek propõe da noção de sujeito em Hegel permite que Žižek identifique o sujeito hegeliano à noção de pulsão de morte de maneira mais clara. O que resiste ao processo de subjetivação, o resto, é aquilo que Žižek entende por “objeto pequeno a” lacaniano. Da mesma forma, a noção de que não há nada além da aparência evidência, para Žižek, o fato de que o mundo é “não-*Todo*”<sup>6</sup>, ou seja, não há algo que ordene ele de fora. Aqui, o diálogo com a psicanálise lacaniana se mostra em sua face mais nítida.

Para Žižek, a ciência moderna é materialista no sentido mais próprio da palavra, ou seja, ela é feminina, regida pela lei do Não-*Todo* formulado por Lacan. Esta noção de Não-*Todo* será crucial para Žižek vincular a sua crítica à religião a uma crítica a toda visão de mundo que se basearia no Grande Outro enquanto instância garantidora de uma ordem. Žižek lerá, já em Hegel, um processo não fechado em si mesmo, mas um processo dialético aberto e contingente pelo qual esse *Todo* se forma. Já em Hegel, haveria, para Žižek, a primazia do Nada sobre o Ser. Como aponta:

Aqui, devemos ter em mente o importante fato de que, quando escreve sobre a passagem do Ser ao Nada, Hegel recorre ao pretérito: O Ser não passa ao Nada, ele *sempre-já* passou ao Nada e assim por diante. A primeira tríade da Lógica não é uma tríade dialética, mas uma evocação

---

<sup>5</sup> Original em inglês: The Hegelian subject -- i.e., what Hegel designates as absolute, self-relating negativity -- is nothing but the very gap which separates phenomena from the Thing, the abyss beyond phenomena conceived in its negative mode, i.e., the purely negative gesture of limiting phenomena without providing any positive content which would fill out the space beyond the limit. For that reason, we must be very attentive if we are not to miss what Hegel has in mind when he insists that the Absolute has to be conceived also as subject, not only as substance: the standard notion of the gradual becoming-subject of the substance (of the "active" subject leaving its "imprint" on the substance, molding it, mediating it, expressing in it his subjective content) is here doubly misleading. First, we must bear in mind that with Hegel this subjectivization of the object never "turns out": there is always a remainder of the substance which eludes the grasp of "subjective mediation"; and far from being a simple impediment preventing the subject's full actualization, this remainder is *stricto sensu* correlativo to the very being of the subject (ŽIŽEK, 1993 p. 30).

<sup>6</sup> Esta noção se baseia na tábua da sexuação proposta por Lacan no seminário 20 de 1972/1973, em que proporá uma distinção entre a posição feminina e masculina em relação ao significante fálico.

retroativa de um tipo de passado virtual sombrio, de algo que nunca passa, pois sempre-já passou: o começo efetivo, o primeiro ente que está “realmente aqui”, é a multiplicidade contingente dos seres-aí (existentes). Em outras palavras, não existe tensão entre Ser e Nada que gere a incessante passagem de um ao outro: em si mesmos, antes da dialética propriamente dita, Ser e Nada são direta e imediatamente o mesmo, são indiscerníveis; sua tensão (a tensão entre forma e conteúdo) só aparece retroativamente, se olharmos para eles a partir da perspectiva da dialética propriamente dita (Žižek, 2013, p. 70).

Aqui, fica claro para nós que se trata da interpretação de Žižek sobre Hegel que é bem distinta da proposta de Hegel, pois, para Hegel, a lógica é a estrutura do pensamento que pensa a si mesmo, mas não aquilo que aqui Žižek está chamando de “passado virtual sombrio”. Em Hegel, a dinâmica do Ser e Nada será pensado como sendo ambos indeterminados, de forma que, em Hegel:

Nada é, com isso, a mesma determinação ou, antes, ausência de determinação e, com isso, em geral, o mesmo que o ser puro é. [...] O puro ser e o puro nada são, portanto, o mesmo. O que é a verdade não é nem o ser nem o nada, mas que o ser não passa, mas já passou para o nada e o nada não passa, mas passou para o ser. Igualmente, porém, a verdade não é sua indiferenciabilidade, mas que eles não são o mesmo, que são absolutamente diferentes, mas são igualmente inseparados e inseparáveis e cada um desaparece em seu oposto imediatamente. Sua verdade é, então, este movimento do desaparecer imediato de um no outro: o devir, um movimento no qual ambos são diferentes, porém, através de uma diferença que igualmente se dissolve imediatamente” (Hegel, 2017, p. 85-86).

Dessa forma, Žižek está tentando novamente inserir uma matriz lacaniana da pulsão de morte como sendo anterior àquilo que Hegel propõe. Não há, em Hegel, essa anterioridade que Žižek insiste em seu comentário, para insistir em uma proposta de ontologia do não-todo de tipo lacaniano. A ontologia do Não-Todo impõe uma contingência radical, uma vez que atesta que não haveria nenhuma lei que sustente a necessidade, pois toda lei é contingente, pode ser subvertida a qualquer momento. Segundo Žižek:

isso equivale a uma suspensão do princípio da razão suficiente: uma suspensão não só epistemológica, mas também ontológica. Ou seja, não se trata apenas de jamais podermos conhecer a rede inteira de determinações causais; essa cadeia é, em si “inconclusiva”, o que abre espaço para uma contingência imanente ao devir - o que define o materialismo radical é esse caos do devir não sujeito a nenhuma ordem preexistente. Esse surgimento de um fenômeno *ex nihilo*, não plenamente coberto pela cadeia suficiente de razões, não é mais — como na metafísica tradicional — um signo da intervenção direta de um poder sobrenatural

(Deus) na natureza, mas ao contrário, um signo da *inexistência* de Deus, ou seja, é uma prova de que a natureza é não-Toda, não “coberta” por nenhuma Ordem ou Poder transcendentem que a regulem (Žižek, 2013, p. 70-71).

É dessa forma que Žižek, entende a noção de “milagre” do ponto de vista materialista. Segundo ele, “todo milagre, portanto, traz a manifestação da inexistência de Deus, na medida em que cada ruptura radical do presente em relação ao passado torna-se a manifestação da ausência de qualquer ordem capaz de sobrepujar o caótico poder do devir” (Žižek, 2013, p. 71).

A ciência moderna é materialista na medida em que acredita que tudo pode ser descrito pela explicação racional, mas, ao mesmo tempo, ela aceita o fato de que nem tudo é racional, e nem tudo obedece às leis naturais –não no sentido de que existiria algo irracional que escape à racionalidade, mas no sentido de que a própria totalidade da ordem causal racional é inconsistente, “irracional”, ou em termos lacanianos, não-Toda. É esse não-Todo que garante, para Žižek, a abertura apropriada do discurso científico para as surpresas e o surgimento do impensável, tendo como exemplo a própria física quântica e a teoria da relatividade de Einstein.

Para Žižek, a física quântica abre espaço para uma ontologia “assombrosamente esquisita” (Žižek, 2014, p. 125). O que o filósofo tem em mente é afirmar uma espécie de incompletude ontológica da própria realidade, que teria, na física quântica, o seu modelo matemático para pensar uma ontologia aberta, e do ponto de vista filosófico, se ancorando na filosofia de Alain Badiou e sua noção de multiplicidade pura como categoria ontológica definitiva: a realidade seria a multiplicidade das multiplicidades, que não pode ser gerada ou constituída a partir de uma forma de Uns como seus constituintes elementares. As multiplicidades não são multiplicações de Um, mas multiplicidades irreduzíveis, sendo por isso que o seu oposto não seria o Um, mas Zero, ou seja, o vazio ontológico.<sup>7</sup>A partir da noção do mundo ancorado sobre o vazio proposto por Badiou, Žižek é capaz de defender a ideia que ele assume de materialismo, que nada teria a ver

---

<sup>7</sup> Por uma questão de espaço, não analisaremos em detalhe a ontologia matemática de Badiou. Em seu livro *Ser e Evento* (1996), Badiou desenvolverá estas noções de maneira mais pormenorizada, partindo das teorias sobre o infinito de Cantor e procurando reler a história da filosofia a partir da noção de multiplicidade. A ontologia seria igualada à Matemática como única forma possível de pensar a estrutura do mundo. Nisto consistiria a ruptura ontológica proposta por Badiou, o Um surge apenas depois do Zero e das multiplicidades. O Zero seria a multiplicidade sem os Uns, o que garantiria a consistência ontológica delas. Disso deriva no pensamento de Badiou, de que a realidade é uma multiplicidade na qual o vazio e o múltiplo coincidem.

com a presença da matéria úmida e densa, mas teria a ver exatamente com a noção de que a Totalidade é Nada. Segundo Žižek:

O materialismo não é a asserção da densidade material inerte em seu peso úmido — tal “materialismo” pode sempre servir de apoio para o obscurantismo espiritualismo gnóstico. Em contrapartida, o verdadeiro materialismo assume com alegria o “desaparecimento da matéria”, o fato de existir apenas o vazio (Žižek, 2014, p. 129).

O que Žižek tem em mente é o que ele explicitará de maneira mais sucinta adiante, ou seja, segundo Žižek,

nossa aposta é que somente o materialismo do vazio e a multiplicidade, indo muito além da afirmação do senso comum da realidade material ‘externa com a única coisa que realmente é’, é o materialismo, que, como Hegel teria dito, atinge o nível de sua própria noção (Žižek, 2014, p. 131).

Assim, apenas um materialismo que parta do pressuposto de um vazio é, de fato, um materialismo possível na contemporaneidade. Dessa forma, Žižek deixa claro que está pensando o materialismo sob um viés novo aliado a novas proposições físicas e matemáticas, e claro, a partir da lógica lacaniana do não-todo, que garantiria, em última instância, a incompletude ontológica da realidade. Assim, segundo ele, “um materialismo verdadeiramente radical é, por definição, não reducionista: longe de afirmar que ‘tudo é matéria’, ele confere aos fenômenos “imateriais” um não ser positivo específico” (Žižek, 2014, p. 139). Ou ainda, de maneira mais clara,

O materialismo não tem nada a ver com a asserção da densidade inerte da matéria; ele é, ao contrário, uma posição que aceita o vazio derradeiro da realidade – a consequência de sua tese central sobre a multiplicidade primordial é que não existe “realidade substancial”, que a única “substância” da multiplicidade é o vazio (Žižek, 2014, p. 136).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse artigo foi evidenciar, de maneira panorâmica, o projeto žižekiano de filosofia na sua tentativa de fazer conciliar a psicanálise lacaniana com a filosofia hegeliana. Percebemos que, para fazer esse movimento, Žižek se propõe a ler Hegel como filósofo da contingência, como mostrado por nós. A vinculação entre pulsão de morte e filosofia acaba funcionando para Žižek fundamentar aquilo que chama de “materialismo transcendental”.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. **Ser e evento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. 2. ed. Tradução: Paulo Meneses, com a colaboração de José Nogueira Machado. Petrópolis: Vozes, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. 4. ed. Tradução: Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da lógica**. 1. A doutrina do ser. Tradução: Christian G. Iber; Marloren L. Miranda. Petrópolis: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016. (Coleção pensamento humano).

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio**. 1830 / texto completo, com os adendos orais. Traduzido: Paulo Meneses, com a colaboração de José Nogueira Machado. São Paulo: Loyola, 1995. (O pensamento ocidental).

JOHNSON, Adrian. Žižek ontology. **A transcendental materialist theory of subjectivity**. Northwestern University. Studies in Phenomenology and Existential Philosophy. Evanston, Illinois: Northwestern University Press., 2008.

LAUREANO, Pedro Sobrino. Uma breve introdução ao pensamento de Slavoj Žižek. **Analytica**, São João del Rei, v. 4, n. 7, p. 161-185, dez./ 2015. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972015000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972015000200010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 set. 2022.

LUFT, Eduardo. **As sementes da dúvida**. São Paulo. Mandarim. 2001.

VELIQ, Fabiano. Variações sobre o mesmo tema: O conceito de pulsão de morte em Freud, Lacan e Žižek. **Revista Synesis**, (ISSN 1984-6754), 15(1), 392–412, 2023.

Disponível em: <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2675>. Acesso em: 25 set. 2024.

ŽIŽEK, Slavoj. **Tarrying with the negative: Kant, Hegel, and the critique of ideology**. Durham: Duke University Press, 1993.

ŽIŽEK, Slavoj. BUTLER, Judith. LACLAU, Ernesto. **Contingency, Hegemony, Universality. Contemporary Dialogues on the left**. Verso. New York: London. 2000.

ŽIŽEK, Slavoj. **The puppet and the dwarf. The perverse core of Christianity**. Cambridge, Mass: MIT Press, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. **Menos que nada. Hegel e a sombra do materialismo dialético**. Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo. 2013.

ŽIŽEK, Slavoj & Milbank, J. **A monstrosidade de Cristo**. São Paulo: Três estrelas, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política**. São Paulo: Boitempo, 2016.

## DADOS DO AUTOR

### Fabiano Veliq

Doutor em Filosofia pela UFMG. Doutor em Psicologia pela PUC Minas. Mestre em Filosofia da Religião pela Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte (FAJE). Especialista em Teologia Sistemática pela Faculdade Batista de Belo Horizonte. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-Doutorado em Psicanálise na PUC Minas. Pós-Doutorado em Filosofia pela FAJE. Pesquisa temas relacionados ao diálogo entre Teologia, Filosofia e Psicanálise. Possui experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia da Religião, Teologia Sistemática, e Psicanálise. É membro efetivo pleno da Sociedade Hegel Brasileira. Possui a formação em Psicanálise pela Escola Freudiana de Belo Horizonte. É professor Adjunto II do curso de Filosofia na PUC Minas. É pesquisador FIP/PUC Minas com o projeto número FIP-2023/28911-1S no qual pesquisa o tema da encarnação de Deus nas Preleções sobre a Filosofia da Religião de Hegel.

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/8051036538686218>

**ORCID:** [Fabiano Veliq \(0000-0001-6273-1333\) - ORCID](https://orcid.org/0000-0001-6273-1333)

**E-mail:** [veliqs@gmail.com](mailto:veliqs@gmail.com)